VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

58

O CISMA DO ORIENTE



EDITÔRA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, R.J.

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 58

PIO BENEDITO OTTONI

O Cisma do Oriente



EDITÔRA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS RJ
1963

I M P R I M A T U R

POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR.
DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA,
BISPO DE PETRÓPOLIS.
FREI WALTER WARNKE, O.F.M.
PETRÓPOLIS, 29-10-1963.

COMO E POR QUE SURGIU
COMO SE PROCESSOU

Cisma quer dizer cisão, corte, separação. Os cismáticos, em princípio, não são hereges, como os protestantes, espíritas e outros, porque não alteram a doutrina deixada por Jesus Cristo à sua Igreja, mas separam-se dela, constituindo uma Igreja à parte, com um chefe independente. Contudo, são cristãos ilegítimos porque se separaram da Igreja Universal (que por isso tem o nome de *católica*), contra a intenção e a vontade claramente expressa por Nosso Senhor Jesus Cristo, que fundou a sua Igreja dando-lhe um único chefe supremo, Pedro, continuado através dos séculos por seus legítimos sucessores. Jesus Cristo constituiu Pedro como pedra fundamental da Igreja Cristã, mudando-lhe o nome de Simão para Cefas, que significa *pedra* em aramaico, que é o dialeto ciro-caldaico, então falado na Palestina: «E eu te digo que tu és *Cefas*, e sôbre êste *cefas* levantarei *a minha Igreja* e as portas (podêres) do inferno não prevalecerão contra ela» (Mt 16, 18). «E haverá um só rebanho e um só pastor» (Jo 10, 16). «Para que todos sejam *um*, como tu, Pai, o és em mim e eu em ti, para que também êles sejam

um em nós» (Jo 17, 21). O mesmo repetem os outros Evangelistas e os Atos dos Apóstolos.

Não se pode, porém, dizer que os cismáticos do Oriente não sejam também hereges porque, como veremos adiante, deturparam herèticamente em muitos pontos a doutrina de Nosso Senhor, o que provocou freqüentemente a intervenção dos Papas, antes da consumação do cisma.

* * *

As grandes perturbações religiosas, como as revoluções políticas ou sociais, não se processam sùbitamente, como uma tempestade em céu sereno. A comparação que mais lhes convém é a dos germes, que se vão desenvolvendo lentamente sob a influência do meio e das circunstâncias, até o momento de surgirem e desabrocharem. Os germes dos acontecimentos são *as idéias*. Nada há de mais verdadeiro do que êsse aforismo, mais repetido do que compreendido: «São as idéias que dirigem o mundo».

O cisma deplorável que separou o Oriente do Ocidente, pelas intrigas de dois patriarcas ambiciosos, Fócio e Miguel Cerulário, teve *a sua idéia diretriz*. Ela começou a se manifestar *desde o séc. IV*, logo depois da conversão de Constantino. Fecundada por um ambiente favorável, desenvolveu-se gradativamente até a sua realização completa. Essa idéia não foi outra senão a idéia pagã da confusão do poder civil com o poder espiritual, subordinado êste inteiramente àquele. Essa idéia se opõe fundamentalmente ao princípio cristão da emancipação das consciências do jugo do «deus-Estado», que o divino Fundador do Cristianismo proclamou nos seguin-

tes têrmos: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (Mt 22, 21).

Êste cisma não foi senão um episódio dessa grande luta que persiste através dos séculos entre Jesus Cristo e César, entre o Sacerdócio e o Império, entre a Igreja, reino de Deus, e o Estado, reino da Terra, entre o princípio católico, quer dizer universal, e o princípio particularista e nacionalista.

A história da Igreja oriental, desde Constantino até Miguel III, o Beberrão, em 867, desde Eusébio de Nicomedia até Fócio, não é senão uma série contínua de conflitos e de tréguas entre o princípio católico, representado pelos Papas, sucessores de Pedro, e o princípio pagão, encarnado em duas personagens, que andam quase sempre de mãos dadas, o Imperador do Oriente e o Bispo de sua capital; o patrão e o criado, o César-Papa e o Patriarca ambicioso, revoltado contra o Vigário de Cristo.

E' o período de preparação do cisma. Do lado do Imperador, o princípio pagão se manifesta por uma ingerência contínua em todos os ramos dos negócios religiosos; do lado do Bispo bizantino, pela substituição do princípio hierárquico proclamado por Jesus Cristo pelo princípio sustentado revolucionàriamente no Concílio de Calcedônia em 451 e no Concílio *in Trullo* em 691, ambos condenados pelos Papas então reinantes, de que «quando uma cidade muda de situação hierárquica política em virtude de uma ordem imperial, sua posição religiosa deve também mudar».

O CESAROPAPISMO

Fazendo-se cristão, Constantino viu desde logo que êle não podia ser o chefe da nova religião, como o tinha sido da antiga, que dava ao Imperador o título e as funções de Pontífice-Máximo. Não tendo ordens sacerdotais, as respectivas funções lhe eram interditas. Afastado do santuário por êste motivo, êle achou um hábil caminho oblíquo para não ficar longe: intitulou-se «Bispo Externo», conforme relata o seu historiador e panegerista, Eusébio de Nicomedia. Assim, como «Bispo», êle tinha qualquer coisa de sacerdotal e de sagrado. E os verdadeiros Bispos, movidos ora pela gratidão pelos serviços prestados à Igreja, ora pelo espírito de servilismo, prestigiavam essas atitudes do Basileu. Chamavam-no «Isapóstolo» (igual aos Apóstolos), o eleito, o vigário de Deus. Tudo quanto se referia à sua pessoa foi considerado como sagrado e, em breve, o cerimonial da Côrte quase pontifical. Com êsse caráter de «Bispo Externo», êle se colocava, como quem não quer, acima de todos os Bispos, que se tornavam seus subordinados e êle se incumbia de dirigir como senhor.

Constantino e seus sucessores levaram a peito essa posição de «Bispos Externos» e mostraram logo como a entendiam. Em sua ambição, não se limitavam à fiscalização do culto: arrogaram-se o direito de intervirem em tudo quanto dizia respeito à religião, à qual êles tinham concedido proteção oficial. Aos verdadeiros Bispos êles só deixaram a sacristia e o altar, e assim mesmo aproximando-se o mais possível e exigindo certos privilégios litúrgi-

cos. E em tudo o mais, quer nas questões de disciplina, quer nas de dogmas, atribuíam-se uma autoridade suprema, o que fazia dêles, pràticamente, Papas de fato. E' o que se chamou de *Cesaropapismo bizantino.*

Vejamos o Cesaropapismo em ação. O Imperador se põe a convocar, a presidir e a confirmar os Concílios. Os Bispos convocados que não comparecem são ameaçados com as mais severas penas, e estas não ficam em palavras: os «hereges», isto é, aquêles que, por isso, o Imperador assim os julga, são perseguidos sem piedade. O Imperador legisla sôbre a vida do clero, quer secular, quer regular, e fiscaliza tão ciosamente as eleições episcopais e exerce sôbre os eleitores uma tal pressão, principalmente quando se trata de escolher o Bispo da capital, que essas eleições se reduzem a mera formalidade. E não é raro que Prelados malvistos na Côrte sejam destituídos, perseguidos e substituídos por intrigantes e bajuladores. E' marcante o caso de S. João Crisóstomo, no século V.

Tanto como os sagrados cânones, o próprio dogma não está ao abrigo dos caprichos e da diplomacia do autocrata. E' um fato que tôdas as grandes heresias que assolaram a Igreja de 325 a 787 foram patrocinadas, sustentadas e, às vêzes, suscitadas pelos próprios Imperadores. Seis dêles, Basilisco, Zenão, Justiniano, Heráclio, Constante II e Leão Isauro, promulgaram um ou mais editos dogmáticos sob a forma de *definição ex-cáthedra,* e o pior é que quase todos êsses editos proclamavam uma heresia.

E por que dogmatizavam êles assim? Às vêzes para gozarem do prazer intelectual de quem inventa uma teoria nova, mas quase sempre por motivo de razões de Estado. Muitos dêsses decretos tiveram por fim atrair para o Império as populações monofisitas, menos aliás por convicção doutrinária do que por nacionalismo e por antipatia pelo cristianismo oficial, muito helenizado, de Bizâncio. A política não foi estranha também à quebra das imagens: tratava-se de agradar a um exército recrutado em grande parte entre as populações asiáticas embebidas de idéias maniqueístas. A diplomacia imperial sacrificava-lhes a pureza da doutrina. Podia-se levar mais longe a confusão sacrílega dos dois Podêres?

E quem iria levantar a voz em defesa dos direitos de Deus e da sua Igreja? Seria o Episcopado oriental? Coitados! Um dos mais funestos resultados do cesaropapismo foi de dotar a Igreja de um corpo de prelados cortesãos. Os orientais, já tão inclinados por temperamento de sua raça à intriga e ao servilismo, deram prova, os melhores, de uma deplorável fraqueza de caráter, enquanto os intrigantes e os aduladores se adiantavam às vontades imperiais. Sem falar do escândalo dos conciliábulos arianos, podem-se enumerar: A defecção do Episcopado diante de Dióscoro; o «banditismo» de Éfeso; a «Encíclica» do imperador Basilisco, assinada por quinhentos Bispos; o Henótico do imperador Zenão, promulgado por todos os Patriarcas orientais; a questão dos Três Capítulos; os concílios monotelistas de 638 e 639, aprovando a Éctese; e enfim o grande Sínodo iconoclasta de Hiéria em 753.

Honra seja feita a um certo número de monges, da têmpera de S. Máximo e S. Teodoro Estudita, que protestaram e sofreram o martírio pela Fé.

Os teólogos bizantinos, em geral, preferiram declarar, como o Patriarca Menas no Sínodo de Constantinopla de 536, que «nada se deve fazer na Santa Igreja contra a opinião e as ordens do Imperador» [1], ou como o diácono Agapito «que o Imperador é, nos desígnios de Deus, o predestinado para governar o mundo, como os olhos são inatos ao corpo para dirigi-lo; que o Imperador só depende de Deus, não havendo qualquer intermediário entre êles». [2]

Aquêle que vai, como um dique intransponível, se opor às usurpações dos Césares e levantar bem alto a bandeira dos princípios católicos é o Bispo da cidade abandonada, o Bispo de Roma, o Papa. E' aquêle que, durante êsses séculos de heresias e cismas, não cessa de repetir aos Basileus que êles não têm autoridade no domínio da Fé e das consciências, é aquêle que condenou sempre, sem jamais fraquejar, as suas usurpações sacrílegas.

E' verdade que êle, muitas vêzes, pagou com o trono e com a própria vida a sua pertinácia em cumprir o seu dever. Libério, Silvestre, Vigílio e Martinho foram arrancados pela fôrça brutal ao amor de seus súditos. Outros, no fim do século VII e durante o período iconoclasta, só escaparam ao furor dos Imperadores heréticos devido à impotência dêles no momento.

---

[1] Mansi, Amplissima Collectio Conciliorum, t. VIII, col. 970.

[2] Capit. Admonitionis ad Iustinianum, PG 86, col. 1178, 1184.

Mas, finalmente, quem saiu vencedor na luta foram os Papas. Não sòmente êles fizeram triunfar a Fé em Éfeso, em Calcedônia, em Constantinopla e em Nicéia, mas ainda foram alvo nesses Concílios de testemunhos grandiosos de sua posição primacial e de sua autoridade suprema. E os Imperadores, nos momentos de trégua solene e tôdas as vêzes que os seus interêsses políticos lhes impunham aproximação com Roma, foram os primeiros a reconhecê-lo, como Teodósio e Justiniano.

E' assim que *Teodósio* pôs fim às controvérsias arianas pelo edito de 380, no qual se decretou que todos os súditos do Império «deviam seguir a religião que o Apóstolo S. Pedro ensinou aos Romanos, a qual se manteve entre êles no decorrer dos séculos e que é seguida pelo Papa Dâmaso e Pedro de Alexandria» (Cod. Teod. liber II, *De Fide Catholica*). E *Justiniano*, em 553, em uma Constituição dirigida ao Bispo de sua capital, faz sua a fórmula do Papa Hormisdas (Cod. Iustin. liber I, cap. 1, 7) e repete diversas vêzes no *Código* e nas *Novelas* que o Bispo de Roma é o chefe de tôdas as Igrejas.

No entanto, essas repetidas vitórias do Papado irritam secretamente os autocratas bizantinos. O Papa é para êles uma personagem incômoda, que desejariam muito poder afastar. Não o podendo, lançam mão de um meio hábil de contrabalançar a sua autoridade, opondo-lhe um rival temível, que lhes é inteiramente submisso: o Bispo da Nova Roma.

A AMBIÇÃO DOS PATRIARCAS DE CONSTANTINOPLA

O título de Nova Roma, dado à capital de Constantino, encerra em si todo o programa das ambições bizantinas sob o ponto de vista religioso. Se, na ordem civil, Constantinopla é a nova Roma, por que não o seria também na ordem eclesiástica? Tal é o argumento que desde o séc. IV os Bispos bizantinos começam a proclamar, com a aprovação dos Imperadores e grande satisfação dos prelados da Côrte. Em pouco tempo o Bispo da Nova Roma chegou a ser, pràticamente, o Papa do Oriente. Os Bispos bizantinos se colocaram como rivais do Chefe da Igreja, decretando medidas para a Igreja Universal sôbre o jejum e o celibato do clero e arrogando-se jurisdição nas dioceses ocidentais, medidas essas aprovadas por decretos imperiais de Justiniano II em 421 e de Leão Isauro em 732. Os protestos dos Papas resultaram improfícuos.

O pior é que, além dessas veleidades de jurisdição, se abalançaram êles a atacar o dogma, deturpando herèticamente a doutrina revelada. E isto desgraçadamente não era raro, pois como criaturas dóceis do cesaropapismo, são êles quase sempre os corifeus ou os fautores da heresia. E' *Eusébio de Nicomedia,* que sopra o arianismo aos ouvidos de Constantino. E' *Acácio,* que redige o Henótico, e *Sérgio,* que é o pai da Éctese. Dos 60 titulares que se sucedem na Sé de Constantinopla entre os dois concílios de Nicéia, 27 são notòriamente here-

ges. Desde a morte de Constantino em 337, até 843, num período de 506 anos, os cismas preliminares somam 248 anos de rupturas periódicas entre a Igreja bizantina e a Igreja universal. São cifras eloqüentes que, aliás, atenuam o papel de Fócio e Miguel Cerulário, ou pelo menos explicam suficientemente o sucesso da atuação dêstes.

AS OUTRAS CAUSAS DO CISMA

O cesaropapismo dos Imperadores e a ambição dos patriarcas de Constantinopla foram, como vimos, os fatôres principais que, por sua ação combinada, prepararam lentamente o cisma definitivo. As outras causas que os historiadores geralmente assinalam não vêm senão em segundo plano e não são, a maior parte delas, senão conseqüências dos constantes conflitos entre Roma e Bizâncio.

E' assim que o antagonismo de raças entre os Orientais e os Ocidentais, a antipatia e o recíproco desprêzo entre Gregos e Romanos, da qual nos falam os escritores clássicos, longe de desaparecerem ou de se amortecerem sob a influência do Cristianismo, não fizeram senão recrudescer quando os Imperadores se deixaram helenizar. Os Gregos cessaram de aprender o latim, tachando-o de língua pobre, rude, sem grandeza, e os Latinos de aprender o grego, veículo de heresia e de sofística. Chegaram a ponto de não mais se entenderem. Essa ignorância das línguas teve uma repercussão funesta no domínio da teologia. Os grandes escritores latinos dos primeiros séculos, chama-

dos os Padres da Igreja, ou Santos Padres, eram quase desconhecidos dos Orientais; o maior de todos, Santo Agostinho, lhes era totalmente estranho. Os Ocidentais conheciam os Padres gregos graças às traduções de S. Jerônimo, Cassiodoro e outros, mas foi um conhecimento bem incompleto e superficial. E' fácil imaginar quantos mal-entendidos daí se originaram. Já o que se refere à processão do Espírito Santo começa a surgir no horizonte. Em 808, o acréscimo do *Filioque* no Credo, feito pelos monges beneditinos do Monte das Oliveiras, levanta uma tempestade em Jerusalém, onde os monges sabaítas acusam os beneditinos de heresia. Torna-se necessária a intervenção do Papa Leão III, e a prudência com que êle agiu mostra bem a gravidade da situação.

Mas se os mal-entendidos dogmáticos só existiam então em estado latente, as divergências disciplinares são numerosas. Já vimos a atitude tomada pelo concílio *in Trullo* quanto a algumas dessas divergências. Ésse concílio, que codificou o direito canônico bizantino, embora rejeitado pelo Papa, passou a reger tôda a Igreja oriental. Nesse terreno, o cisma já estava consumado.

E um grande acontecimento político, no alvorecer do séc. IX, veio agravar consideràvelmente as relações já tensas entre o Oriente e o Ocidente. Na noite de Natal do ano 800, o Papa coroou Carlos Magno na Basílica de S. Pedro como Imperador do Ocidente. Aliás, o Imperador de Constantinopla nenhuma soberania tinha sôbre o Ocidente. Dividido como havia sido o Império por Teodósio em 395, deixara êste o Império do Ocidente a Honório e o

do Oriente a Arcádio, seus dois filhos. Mais tarde, em 476, foi o do Ocidente conquistado por Odoacro, rei dos Hérulos. Começou então o período bárbaro, com as sucessivas invasões dos Lombardos, Vândalos, Gôdos, e outros, cujas hordas eram desviadas sôbre o Ocidente pelos imperadores e generais de Constantinopla. A Igreja mantinha-se coesa e firme no meio dessa desordem geral, à qual puseram côbro os Francos, já consolidados nas Gálias, tendo o seu rei Pepino, o Breve, repelido da Itália os bárbaros e doado Roma ao Papa, bem como outros territórios invadidos. Seu filho, Carlos Magno, confirmou essas doações.

Assim, o ato do Papa S. Leão III, coroando Carlos Magno como Imperador do Ocidente, em nada feria quaisquer direitos do Imperador do Oriente. Foi, porém, para êstes um golpe em seu orgulho, porque êles se intitulavam sempre, a despeito da realidade, Imperadores dos Romanos.

No entanto, o gesto de S. Leão III, embora legítimo e mesmo necessário, deu em resultado azedarem-se ainda mais as relações entre as duas Igrejas. Consumando a cisão política entre o Ocidente e o Oriente, êle preparava para um futuro próximo a cisão religiosa, aliás por culpa dos Prelados orientais, que se tinham enfeudado inteiramente aos Basileus. Êsses altivos bizantinos, orgulhosos do seu passado, da sua civilização e da sua língua, entenderam que não podiam mais obedecer a um Papa estrangeiro que concedia todos os seus favores aos Bárbaros do Ocidente.

Por seu lado, os Ocidentais censuravam aos do Oriente a multidão de suas heresias, suas contro-

vérsias pueris, sua arrogância insuportável e seu servilismo aos Basileus nas questões religiosas. A oposição que se fêz no Império dos Francos às decisões do 7º Concílio de Constantinopla, o ardor com que os teólogos francos defendiam a processão do Espírito Santo do Pai e do Filho e fizeram adotar a inclusão do *Filioque* no Credo eram mais inspirados, talvez, menos pelo puro zêlo da verdade do que pela vontade de manifestar aos Orientais a aversão profunda que lhes tinham e de os convencer de que êles não tinham o monopólio da ciência teológica. Essas disposições hostis muito faziam recear pela própria unidade da Fé. Quando se está separado pelo coração, não se consegue ficar muito tempo unido pelo espírito.

A CONSUMAÇÃO DO CISMA.

Tão bem preparado assim por cinco séculos de discórdias, o cisma chegou a um estado concreto pela ação sucessiva de dois Patriarcas de Constantinopla, Fócio, no séc. IX, e Miguel Cerulário, no séc. XI.

E' oportuno, no momento, lamentar a ignorância ou a má-fé de um arcebispo ortodoxo que, dando uma entrevista a um jornal de S. Paulo, declarou que a Igreja Ortodoxa fôra fundada por S. João Crisóstomo. Ora, S. João Crisóstomo foi arcebispo de Constantinopla no séc. V, e Fócio é do séc. IX. Fechado o parêntesis.

Apesar da diversidade de caráter e de atitudes que a história assinala entre Fócio e Miguel Ce-

rulário, estas duas personagens seguiram táticas paralelas para tornar definitiva a ruptura. Essa tática consistiu em esmiuçar e pôr em relêvo tudo aquilo que, no domínio da teologia, da liturgia, da disciplina e mesmo dos simples costumes, era de natureza a levantar um muro de separação entre as duas Igrejas.

No período precedente, os Papas tinham conseguido todos os seus triunfos porque se tinham pôsto como defensores da ortodoxia da doutrina contra as heresias imperiais. Entenderam, pois, os de Constantinopla que o melhor meio de destruir o seu prestígio e de sacudir o seu jugo era fazer pairar a suspeita sôbre a pureza da sua doutrina. Puseram-se então, com infernal habilidade, a pesquisar alguns pontos da doutrina ainda mal esclarecidos e que se prestavam por isso a equívocos e suscitaram questões insolúveis, capazes de levantarem intermináveis controvérsias.

Mas as discussões teológicas eram para a elite, para os intelectuais, ao passo que as divergências canônicas, rituais, ou de costumes, eram próprias para ganharem lentamente as massas populares, persuadindo-lhes que entre a religião dos Gregos e a dos Latinos medeava um abismo. Fócio insistiu principalmente sôbre a questão dogmática e Miguel Cerulário sôbre a litúrgica e a disciplinar.

O papel de Fócio. — Combateu êste pertinazmente a inclusão do *Filioque* no Credo e nesse sentido dirigiu uma «encíclica» a todos os Bispos orientais e uma «Carta aos Búlgaros» em que ataca o primado do Papa. Mas a sua *«Mistagogia do Es-*

pírito Santo» (Iniciação aos mistérios do Espírito Santo) foi o arsenal em que os Gregos dos séculos seguintes foram encontrar as armas para combaterem os Latinos. Com essa obra, Fócio fêz mais pela causa do cisma do que com a sua revolta ostensiva. Sua doutrina se infiltrou na teologia bizantina, tanto mais livremente quanto a Mistagogia só foi conhecida no Ocidente no séc. XII, isto é, três séculos depois.

A tática de Miguel Cerulário. — A controvérsia sôbre a processão do Espírito Santo era muito transcendente para fazer impressão sôbre o conjunto dos espíritos e determinar desde logo a ruptura definitiva.

Assim, após a morte de Fócio, vemos as duas Igrejas se reconciliarem.

E estava-se em vésperas de concluir uma aliança entre o Papa Leão IX e o Imperador Constantino Monômaco, quando *Miguel Cerulário,* que sucedeu a Fócio na Sé Patriarcal de Constantinopla, no século XI, homem de uma ambição insaciável e de uma vontade de ferro, resolveu fazer a Igreja oriental completamente independente do Papa, para melhor a submeter à sua própria autoridade. A ruptura com Roma, como o demonstrou à evidência *M. Bréhier* em sua excelente obra *«O Cisma Oriental do XI século»* (Paris, 1899), não era senão uma etapa para a realização de um sonho de dominação, pois êle aspirava a concentrar em suas mãos o poder espiritual e o temporal, reduzindo o Basileu ao papel de simples intendente do Patriarca. Mas se êle fracassou ridìculamente em sua luta con-

tra o poder imperial, se caiu, como Fócio, vítima do cesaropapismo, os seus ataques contra o Pontífice Romano foram coroados de pleno êxito, e é bem êle que tem, perante a história, a responsabilidade do cisma definitivo.

Desde o seu advento ao trono patriarcal, em 1043, iniciou um plano de campanha visando à ruptura ostensiva, e viu que o melhor meio de tornar durável o cisma era dar-lhe uma base no espírito do povo. Relegando para o segundo plano a questão do *Filioque* e afetando ignorar o primado de Roma, levou a luta para o terreno das divergências litúrgicas e disciplinares, mais capazes de impressionar a multidão e de lhe inspirar aversão pelos Latinos. Perfeita demagogia.

Por ordem sua, o clérigo Leão de Ácrida abriu as hostilidades em 1053 com uma carta ao Bispo de Trani «e a todos os Bispos dos Francos e ao próprio muito honorável Papa», na qual acusa os Latinos de judaizarem, empregando pão ázimo como matéria da Eucaristia e jejuando aos sábados, etc. Ao mesmo tempo, em Constantinopla, o monge Nicetas Stétatos, instrumento dócil do Patriarca, lança a público um panfleto nos mesmos têrmos. E, juntando atos às palavras, Miguel Cerulário mandou fechar tôdas as igrejas latinas de Constantinopla, intimou os padres e monges latinos a seguirem os costumes gregos e, por sua recusa, os excomungou, apodando-os de azimistas. Houve mesmo casos de violência e viu-se o Chanceler da cúria, de nome Nicéforo, pisar aos pés Hóstias Consagradas, pelo motivo de que a sua matéria não era pão fermentado.

Com esta brutal agressão, manifestava Cerulário bem claramente o seu desejo de separação e impressionava vivamente a imaginação do povo, formalista em excesso, mostrando-lhe todo o horror que era preciso ter pelas abomináveis práticas judaizantes dos Ocidentais.

A atitude do Papa Leão IX foi das mais enérgicas. Sem se deter a discutir as mesquinhas acusações dos Gregos, levou imediatamente a questão para a primazia da Igreja Romana e intimou Cerulário a reconhecê-la.

O ambicioso Patriarca fêz, a princípio, menção de ceder, mas propôs ao Papa uma espécie de acôrdo, na base da igualdade. Leão IX respondeu: «Tu nos escreves que, se nós fizermos venerar teu nome numa única igreja romana, tu te comprometes a fazer venerar o nosso em todo o Universo. Que pensamento monstruoso! A Igreja Romana, cabeça e mãe de tôdas as Igrejas, pode, por acaso, conhecer outra coisa senão membros e filhos?» (Will, *Acta et scripta quae de controversiis ecclesiae graecae et latinae composita exstant.* — Leipzig, 1861, p. 91.

A carta de Miguel Cerulário convenceu ao Papa de que era impossível qualquer acomodação, pelo que enviou a Constantinopla três Legados, o cardeal Humberto, o chanceler Frederico e Pedro d'Amalfi, com a missão de excomungarem o Patriarca rebelde, se êle persistisse em sua revolta. Apesar do apoio do fraco Imperador Constantino IX, todo devotado à união por motivos políticos, apesar da vi-

tória obtida pelo Cardeal Humberto numa discussão pública com Nicetas Stétatos, o campeão do pão fermentado, Cerulário manteve até o fim a sua atitude intransigente e recusou ter qualquer contacto com os enviados da Santa Sé, seguro do apoio dos Bispos do Oriente, dos quais nenhum fêz ouvir a sua voz a favor de Roma. Os Legados decidiram-se então a cumprir até o fim as instruções do Papa e no dia 25 de julho de 1054, à terceira hora, se dirigiram à Basílica de Santa Sofia no momento em que o povo lá se achava para ofício solene e depuseram sôbre o altar uma Bula de excomunhão do Patriarca e de todos os seus coadjuvantes. Nenhum dos assistentes duvidou então de que a hora do cisma definitivo acabara de soar. E era a triste realidade.

A excomunhão que fulminou Miguel Cerulário, e que devia aniquilá-lo, não fêz mais do que apressar o seu triunfo. Depois de ter procurado atrair os Legados a uma armadilha que lhes teria custado a vida, suscitou êle um motim popular contra o Imperador, que os apoiava. Para salvar a coroa, teve êste de enviar uma carta de escusas ao todo-poderoso Patriarca e consentir na convocação de um Sínodo de doze metropolitanos e dois arcebispos, os quais anatematizaram os Latinos e voltaram contra êles tôdas as increpações contidas na Bula de excomunhão. O edito sinodal usava textualmente as primeiras frases da «encíclica» de Fócio aos Bispos do Oriente e exprobrava aos Ocidentais

o costume de se barbearem, de acrescentarem o *Filioque* ao Credo, de ensinarem que o Espírito Santo procede do Pai *e do Filho*, de proibirem o casamento dos Padres, de se servirem do pão ázimo na celebração da Eucaristia e de uma porção de coisas pequeninas e ridículas. Vê-se bem que o espírito de Satanás pairava sôbre o Sínodo.

DEPOIS DE MIGUEL CERULÁRIO

Se se encaram uma a uma essas divergências, elas se patenteiam ridículas e indignas de atenção, mas a sua fôrça resultava de sua acumulação. Repetidas constantemente pelo clero secular e pelos monges, tiveram o efeito de persuadir o povo de que existia uma diferença profunda entre a religião dos Gregos e a dos Latinos.

Depois de tudo isso não é de admirar que tenham fracassado, uma após outra, tôdas as tentativas de união, uma vintena pelo menos, entre o século XI e o século XV. Para levarem os Gregos a reconhecerem a primazia do Pontificado Romano, os Papas recorreram alternativamente, mas sempre sem resultado, à doçura e à ameaça.

O Imperador Miguel VIII, Paleólogo, esforçou-se sèriamente pela união, mas os seus esforços se quebraram contra a resistência do clero e do povo, que se puseram a manifestar a favor do advento dos Turcos, para não terem de se submeter ao Papa. *Antes a Meia-Lua do que a Tiara*, era o grito geral.

E os Turcos chegaram em 1453. Cessaram as tentativas de união, porque o alto clero grego, apesar dos vexames e das extorsões a que foram submetidos, se acomodaram fàcilmente com um regime que lhe concedia uma verdadeira jurisdição civil sôbre o seu rebanho espiritual. Foi sobretudo sob a dominação turca, e até o séc. XIX, que o Patriarca de Constantinopla foi verdadeiramente o Papa do Oriente.

Apesar das relações que, por vêzes, existiam nos meados do século XVIII entre os missionários latinos e o clero grego, o ódio a Roma não fêz senão crescer no Oriente.

Muitos Papas se interessaram de um modo particular em trazer os Orientais à unidade católica. No séc. XVI, Gregório XIII criou em Roma o colégio grego de Santo Atanásio, destinado a formar um clero grego católico. A Congregação da Propaganda, fundada por Gregório XV no princípio do século XVII, teve como um dos itens do seu programa promover a união das Igrejas orientais. Bento XIV tomou a defesa dos ritos orientais contra os missionários latinizantes. Pio IX em 1848 e em 1870, e Leão XIII em 1894, dirigiram aos cismáticos calorosas solicitações, as quais, porém, não tiveram eco.

Os Cismáticos, na sua suficiência e no seu orgulho, se intitulam ousadamente de *Ortodoxos*, que quer dizer legítimos, autênticos. No entanto, pelo que vimos, não lhes cabe, de modo algum, tal denominação presunçosa. Êles rasgaram a túnica inconsútil de Cristo. Foram o galho quebrado da viçosa árvore da Igreja Universal (Católica), o qual se-

cou espiritualmente, não recebendo mais a seiva vivificante da Graça, transformando-se em lenha sêca, que só serve para o fogo. E como foram os Orientais castigados pela mão justiceira do Senhor! Êles bradavam: «Antes a Meia-Lua do que a Tiara». E a tiveram, pelo alfanje de Maomé II, que em 29 de abril de 1453 conquistou Constantinopla, entregando-a ao saque durante três dias, nos quais a orgulhosa Segunda Roma perdeu imensas riquezas, morrendo no combate o seu último Imperador, Constantino XII, Dracosés.

Findos os três dias de saque e morticínio, Maomé II entrou a cavalo na Basílica de Santa Sofia, que mandou transformar em mesquita muçulmana.

Os Cismáticos vêem hoje o seu orgulho inteiramente abatido, e como se mudaram completamente as condições históricas, é possível que, aos ouvidos do Papa que suceder a João XXIII, ainda ressoe um grande *Confiteor*, com o qual se reintegrem na Igreja-Mãe êsses filhos pródigos, que serão recebidos de braços abertos.

E' o que a Igreja ardentemente deseja.

ÍNDICE